

**A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO A PARTIR DA OBRA DE MODO
ADDISCENDI DE GILBERTO DE TOURNAI NO SÉCULO XIII**

**CHILDHOOD AND EDUCATION BASED ON THE WORK 'DE MODO
ADDISCENDI' BY GILBERTO DE TOURNAI IN THE 13TH CENTURY**

**INFANCIA Y EDUCACIÓN BASADOS EN LA OBRA DEL MODO
ADDISCENDI DE GILBERTO DE TOURNAI EN EL SIGLO XIII**

Andrei Roberto da Silva

Mestrando em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail:
andreiroberto92@hotmail.com

Juliana de Mello Moraes

Doutorado em História pela Universidade do Minho – PT. Professora Universidade Regional de Blumenau (FURB). E-mail: juliana.mel@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi59.61832>

Recebido em 13/12/2021

Aceito em 09/04/2022

Resumo

Em 1263, Gilberto de Tournai (1209-1284) finalizou a obra *De modo addiscendi*, um tratado pedagógico destinado a Jean Dampierre. Esse texto foi produzido em Paris no século XIII, momento de crescimento das instituições educacionais. O autor da obra foi um frade franciscano, mestre de teologia na Universidade de Paris e conselheiro do rei Luís IX da França. Na obra, Gilberto orienta os mestres e familiares a educar as crianças para que tenham uma formação espiritual e intelectual. A partir desta obra, o objetivo é analisar as representações da infância e da sua educação no período. Para tanto, utilizamos o conceito de representações de Roger Chartier (2002) e Jacques Verger (1999) para abordar o ensino medieval. Esta pesquisa é qualitativa e documental. O estudo indica que as representações forjadas por Tournai inscrevem a infância como um período de formação, na qual os esforços do mestre deveriam fomentar a submissão e a obediência, propiciando o desenvolvimento da sabedoria. A análise da obra de Tournai corrobora a perspectiva de que a educação se conectava aos modos de pensar e caracterizar a infância, bem como da importância da Igreja católica para a constituição e difusão de representações sobre a infância na época.

Palavras-chave: Infância; Educação Medieval; Gilberto de Tournai; Representações.

Abstract

In 1263, Gilberto de Tournai (1209-1284) completed the work *De Modo Addiscendi*, a pedagogical treatise intended for Jean Dampierre. This text was produced in Paris in the 13th century, a time of growth for educational institutions. The author of the work was a Franciscan friar, master of theology at the University of Paris and adviser to King Louis IX of France. In the work, Gilberto guides teachers and family members to educate children so that they have a spiritual and intellectual formation. From this work, the objective is to analyze the representations of childhood and its education in the period. Therefore, we use the concept of representations by Roger Chartier (2002) and Jacques Verger (1999) to approach medieval education. This research is qualitative and documentary. The study indicates that the representations forged by Tournai inscribe childhood as a period of formation, in which the master's efforts should foster submission and obedience, promoting the development of wisdom. The analysis of Tournai's work corroborates the perspective that education was connected to the ways of thinking and characterizing childhood, as well as the importance of the Catholic Church for the constitution and dissemination of representations about childhood at the time.

Keywords: Childhood; Medieval Education; Gilbert of Tournai; Representations.

Resumen

En 1263, Gilberto de Tournai (1209-1284) completó la obra *De modo addiscendi*, un tratado pedagógico destinado a Jean Dampierre. Fue elaborado en París en siglo XIII, época de crecimiento para instituciones educativas. El autor de la obra fue fraile franciscano, maestro en teología de la Universidad de París y consejero del rey Luis IX de Francia. En el trabajo, Gilberto orienta los maestros y familiares a educar los niños para que tengan formación espiritual e intelectual. A partir de este trabajo, el objetivo es analizar las representaciones de la infancia y educación en el período. Por tanto, utilizamos el concepto de representaciones de Chartier (2002) y Verger (1999) para abordar la educación medieval. Esta investigación es cualitativa y documental. El estudio indica que las representaciones forjadas por Tournai inscriben la infancia como un período de formación, en el que el esfuerzo del maestro debe fomentar la sumisión y obediencia, promoviendo el desarrollo de la sabiduría. El análisis de la obra de Tournai corrobora la perspectiva de que la educación estaba vinculada a las formas de pensar y caracterizar la infancia, así como la importancia de la Iglesia para la constitución y difusión de representaciones sobre la niñez en ese momento.

Palabras clave: Infancia; Educación Medieval; Gilberto de Tournai; Representaciones.

Introdução

O século XIII foi um período de significativas mudanças que marcaram a história da educação. É possível destacar a constituição das universidades, os registros sobre o modo de ensinar e aprender de intelectuais, bem como o desenvolvimento de algumas metodologias que contribuíram para a concepção de educação que vivenciamos na atualidade. Quando nos propomos a olhar para a História, oportunizamos uma consciência reflexiva acerca da realidade

educacional. De acordo com Saviani (2003, p. 13), a educação intenta “produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Partindo desse pressuposto, entende-se que para problematizar a infância e a educação na atualidade é preciso estar atento à sua História e às concepções elaboradas pelos sujeitos em distintos contextos.

Nesse sentido, essa pesquisa objetiva compreender as representações da infância e sua educação a partir do tratado *De modo addiscendi* (1263), escrito por Gilberto de Tournai (1209-1284). Este autor se caracteriza como um mestre do século XIII. Franciscano, professor da Universidade de Paris e autor de diversas obras, dentre elas, o tratado pedagógico *De modo addiscendi* elaborado a pedido de Miguel de Lille e que foi dedicado à Jean Dampierre, filho do Conde de Flandres, Guy De Dampierre, com o intuito de orientar o modo de aprender.

Para avaliar a fonte partimos dos pressupostos da análise documental proposta por Cellard (2012), a qual inclui as seguintes dimensões: contexto, principais autores do documento, confiabilidade da obra, natureza do texto e a lógica interna. Paralelamente, utilizamos o conceito de representações de Roger Chartier (2002), a historiografia sobre o ensino medieval no século XIII, especialmente em Jacques Verger (1999), e a respeito do contexto, baseamo-nos em Jacques Le Goff (1990). A pergunta que norteou a pesquisa foi: como a infância e sua educação se relacionam nas representações de Gilberto de Tournai na obra *De modo addiscendi*? Inicialmente, é fundamental problematizar o conceito de educação e, em seguida, de infância, pois as representações elaboradas no século XIII, embora não contemplem exatamente a vivência das crianças do período, permitem entrever aspectos do cotidiano e das preocupações relacionadas a educação dos infantis. Isso porque, a representação inscrita nos livros “nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa” (CHARTIER, 2011, p. 16). Porém, destaca-se que as relações sociais são historicamente concebidas pelas práticas que elaboram suas representações, assim os discursos produzem a ordem e afirmam distâncias (CHARTIER, 2002). Desse modo, as práticas estabelecem relações que se articulam e se significam em diálogo com as representações.

Finalmente, observa-se a importância de situar o tema desta pesquisa no panorama historiográfico, com destaque para os estudos sobre a infância. Desde a publicação da obra de Philippe Ariès, em 1960, muitos trabalhos se dedicaram a avaliar as infâncias e as crianças em diferentes espaços e tempos, rompendo com alguns pressupostos estabelecidos pelo autor. A problematização do lugar da infância e das crianças é um dos pontos fundamentais, uma vez que se relativiza a perspectiva de que somente a partir do século XVII houve uma mudança

significativa em relação a compreensão sobre a infância. Assim, esta pesquisa visa contribuir para os atuais debates historiográficos sobre o tema.

A educação no século XIII

A Idade Média corresponde a um longo período da história, por isso, foi dividido em duas partes denominadas respectivamente de Alta Idade Média e Baixa Idade Média. Nesse ínterim a educação se desenvolveu conectada à Igreja Católica. Como afirma Cambi (1999, p. 146) “da Igreja partem os modelos educativos e as práticas de formação, organizam-se as instituições e programam-se as intervenções, como também nela se discutem tanto as práticas como os modelos”.

Ressalta-se, além disso, que nesse período ocorreram grandes mudanças sociais, econômicas e comerciais. No final do século XII, as escolas se multiplicaram nas cidades e, nesse contexto de expansão, os estudantes se organizaram para ouvir seus mestres e qualificar sua formação. As escolas fomentavam o ensino da gramática por meio do aprendizado do latim, capacitavam para a leitura das escrituras, além do canto e do cálculo (VERGER, 1990).

Segundo Cambi (1999, p. 158) no período medieval, na região que hoje denominamos de Europa, existia um certo “monopólio eclesiástico da educação” que propagava um modelo cristão como ideal de formação humana nas instituições educativas. Assim, no século XII, a doutrina cristã era difundida nas três principais instituições educativas/religiosas: as escolas monásticas, catedrais e palacianas (CAMBI, 1999).

Na formação das elites, o cerne era a transmissão do saber, que se desenvolveu nas escolas criadas e organizadas pela Igreja Católica. Aqui, inclui-se as escolas palacianas, uma escola fechada, aristocrática, classista que ocorria em espaços separados da sociedade, em ambientes como um castelo ou um mosteiro. Nesses ambientes, os mestres ensinavam sobretudo a gramática e a retórica, tendo como objetivo principal formar uma elite administrativa letrada por meio de salmos, argumentos, resumos, sentenças, calendário e cânticos. Não podemos deixar de mencionar que uma parte da elite optava por uma educação militar e política ritualizada nas Ordens de Cavalaria (VERGER, 1990).

A educação da sociedade comum, articulava-se em conhecimentos do fazer, ou “técnicos”, e ocorria nas oficinas, nas praças e nas festividades populares. Entretanto, com o desenvolvimento das cidades na Baixa Idade Média, ocorreu o nascimento da burguesia que incentivava a produção de bens e o incremento da riqueza que era reinvestida na própria produção. Com base nisso, a educação desse período passou por mudanças, especializando-se,

articulando-se, socializando-se aos novos modelos produtivos constituindo desse modo, as corporações profissionais e artesanais de ofício (PERNOUD, 1969).

Nesse contexto citadino a educação ocorria em escolas, divididas em: primária, secundária e superior. A educação primária caracterizava-se por ensinar a alfabetizar os estudantes. Sáenz (2005, p.39) enfatiza que “em geral se tratava de escolas anexas às paróquias [...] aprendiam a doutrina cristã, o catecismo, a leitura, a escrita, o arquivio, noções de gramática, latim para entender melhor a liturgia”. Já as escolas secundárias seriam equivalentes às escolas catedrálcias e monásticas. Estas dedicavam-se às artes liberais, compostas por gramática e retórica, geometria, lógica e aritmética, música, astronomia além de instruções sobre a sagrada escritura (CHARLE & VERGER, 1996). Já a educação superior atribuía-se as artes da ciência e eram divididas por áreas como: a escola de teologia, a escola de direito, entre outras.

Muitos dos clérigos que se formavam nessa época tornavam-se professores e, devido ao seu prestígio, atraíam seguidores que se aglomeravam para assistir as aulas às margens do Rio Sena. Desse modo, proliferaram-se também as escolas particulares, as quais solicitavam autorização da igreja para atuar. Por meio desse prestígio alcançado, firmaram-se contratos e constituíram-se as primeiras universidades (HASKINS, 2015).

A escola da catedral de Notre-Dame, na cidade de Paris, originou uma universidade. Essa atendia a demanda de estudantes que vinham de diversas regiões, a fim de seguir seus mestres. Os professores passaram a ser contratados pelos estudantes, que se reuniam de acordo com a sua nacionalidade (CHARLE & VERGER, 1996).

Desde o fim do século XII, a imitação das guildas dos mercadores, passou-se a falar das corporações de mestres e estudantes, *universitas magistrorum et scholarium*, que eram, com efeito, autênticos trabalhadores intelectuais. Indubitavelmente, a nova instituição pedagógica medieval, formou-se em consequência do desenvolvimento das escolas episcopais, dos novos métodos didáticos, do aumento do saber em virtude das traduções das obras gregas e árabes, da proteção dada ao ensino por papas e príncipes, mas o fato essencial foi o caráter corporativo que assumiram as escolas de artes, direito, teologia e medicina. (NUNES, 2018, p. 222-223).

Foi em meio a esse período e influenciado por seu contexto, que Gilberto de Tournai, sendo mestre na Universidade de Paris e frade franciscano, escreveu a obra *De modo addiscendi*. Seguindo os princípios religiosos da Ordem dos Frades Menores e utilizando como fundamento as obras dos autores greco-latinos da Antiguidade e a teologia escolástica, o autor confecciona seu tratado pedagógico.

De modo addiscendi (1263) resulta das atividades do religioso e dos seus conhecimentos com a formação da nobreza. Ele estudou teologia em Paris onde se tornou mestre, abandonando a cátedra entre 1235 e 1240 para ingressar na Ordem dos Frades Menores. A sua atuação incluiu a pregação e a direção espiritual sendo diretor espiritual, inclusive, do Rei São Luís IX, sucedendo, posteriormente, Boaventura de Bagnoregio como mestre regente dos franciscanos na universidade de Paris entre 1257 e 1263 (VERGARA, 2013).

Além disso, Gilberto de Tournai destacou-se como importante teólogo, pedagogo¹ e homem de letras na cidade de Paris do século XIII, escrevendo tratados referentes a vários blocos temáticos sobre a homilia, hagiografia, apologéticas e educação política, destinado aos governantes, reis e príncipes e outras figuras importantes que assumiam cargos de liderança na sociedade daquele período. Entre suas obras pedagógicas destacam-se: *Rudimentum doctrinae* (1259-1270), *De modo addiscendi* (1263) e *Eruditio Regum et Principum* (1259). Dentre as obras hagiográficas podemos mencionar: *Vita Sancti Eleutherii* (1263) e *Pharetra* (1260) e os tratados apologéticos: *Collectio de scandalis Ecclesiae* (1273) também a homilia: *Sermones dominicales et de Sanctis* (1255)².

A obra aqui analisada foi escrita a pedido de Miguel de Lille, amigo e companheiro de Gilberto de Tournai na Universidade de Paris. Este solicitou o tratado para encaminhar ao seu discípulo Jean de Dampierre, filho do Conde Flandres Guy de Dampierre. O aprendiz de Miguel de Lille, posteriormente ao seu período de formação, tornou-se reitor de Saint-Donatien em Bruges, reitor da escola catedral de Saint Pierre em Lille e bispo de Metz em 1280 (DE POORTER, 1922).

***De modo addiscendi* e as representações da infância**

Para analisarmos as representações da infância e da educação na fonte produzida durante o século XIII, devemos ter cautela com conceitos empregados pelos seus autores. Assim, recorreremos inicialmente a definição proposta por André Miatello (2012), que investigou a utilização do termo educação no contexto do século XIII, sublinhando que o termo era empregado pelo frade Gilberto de Tournai em latim *eruditio*³ ou *institutio*. A expressão *eruditio*

¹ O termo pedagogo foi utilizado em consonância com o historiador Javier Vergara Ciordia. VERGARA, J. El «De modo addiscendi» (c. 1263) de Gilbert de Tournai OFM: una puente entre la tradición y el Renacimiento. *Educación XX1*, v. 16, n. 2, pp. 63-82, 2013.

² BARTOLI, Marco; BLOCK, Wieslaw; MASTROMATTEO, Alessandro. **Storia della spiritualità francescana**. Bologna: EDB Edizioni Dehoniane, 2017.

³ Termo que utilizado por Gilberto de Tournai na obra *De modo addiscendi* escrita em 1263.

significa instrução, ensinamento, saber, doutrina ou cultura, já o termo *institutio* pode ser traduzido por formação, educação ou instrução (MIATELLO, 2012).

Além disso, sublinha-se que a análise dos dados foi realizada partindo das categorias pré-selecionadas, respectivamente linguagem teológica e filosófica Fundamentação Bíblica, Padres da Igreja, autores árabes, autores da Antiguidade (Latinos e Gregos) e pedagogia medieval.

Inicialmente, é preciso definir o conceito de infância compreendido no tratado pedagógico do frade franciscano. Para o autor, as “idades da vida” eram determinadas a partir da perspectiva de Santo Isidoro de Sevilha, delimitadas em sua obra Etimologias. Na obra do Santo encontramos as seguintes idades: “*infantia* até os 7 anos, *pueritia* até os 14 anos, *adolescentia* até 24 anos, *inventus* até 50 anos, *aetas seniores* ou *gravitas* até 70 anos, *senectus* até a morte” (SEVILHA, 1982, p. 39).

Vale ressaltar que a classificação das “idades da vida” no medievo não era padronizada, ou seja, outros autores em suas obras realizaram outras divisões das etapas da vida, sendo que muitas vezes associavam a numerologia das idades com eventos das passagens bíblicas. Os autores da Baixa Idade Média embasavam suas divisões das idades da vida em autores greco-romanos como Aristóteles e Galeno, ou em autores árabes como Avicena e Haly Abbas. No entanto, a perspectiva de Santo Isidoro de Sevilha foi adotada no contexto das escolas catedrais e universidades pelos clérigos, entre os séculos XII e XIII, como mencionado por Jacques Le Goff & Jean-Claude Schmitt (2017, p. 625) no Dicionário Analítico do Ocidente Medieval:

Para Pedro Abelardo, os seis dias da criação correspondem às seis idades durante as quais a salvação será concluída, idades que passam como a vida de cada homem. Essa comparação tinha entrado na prática das escolas, reencontramo-la em Boaventura, na segunda metade do século XIII.

A distinção das “idades da vida” conectava-se com as indicações para a educação das crianças, em especial, aquelas pertencentes às elites. Assim, a partir dos documentos produzidos pela Igreja, observa-se a proliferação das escolas e de mestres-escola após os Concílio de Toledo (1179) e o II Concílio de Latrão (1139) (SOUZA, 2013). A ampliação da educação formal ocorre paralelamente a ênfase na infância como momento para o início das atividades educativas, distinguindo esse momento das outras idades.

Entretanto, perduram na historiografia perspectivas generalistas em relação a infância no medievo. A pesquisa de Philippe Ariès sobre a infância, utilizando como fontes a arte e a literatura medievais, forjou um conceito de infância para a Idade Média. O autor indica que

nesse período era reduzida a infância, sendo reconhecido como um momento de fragilidade em que a criança passava diretamente para a condição de jovem adulto, sem percorrer as etapas que hoje denominamos de adolescência e juventude. Contudo, para a historiadora portuguesa Ana Rodrigues de Oliveira (2006, p. 4) as conclusões de Ariès, "revelam-se, hoje, demasiado radicais" ou ainda:

Ao contrário do que foi defendido por Philippe Ariès, a civilização medieval do ocidente, [...] não só atribuiu à criança uma decisiva importância no conjunto das idades da vida, como a considerou susceptível de ser lexicalmente diferenciada e objecto de teorização e normalização jurídica, de forma a adequar o conceito às realidades e vivências sociais que, desde o século XII, tiveram nos jovens um decisivo factor de transformação e inovação. (OLIVEIRA, 2006, p. 18).

Além das representações sobre a educação das crianças, a historiografia sobre a Idade Média sublinha a presença da infância em diferentes documentos da época, destacando sua presença em espaços específicos nos mosteiros e catedrais, o que sugere a relevância e o reconhecimento da especificidade dessas idades à época. Assim, a legislação, os tratados sobre a educação e a arquitetura evidenciam a relevância que as crianças possuíam nos reinos latinos em finais do século XIII (OLIVEIRA, 2007; SOUZA, 2013; PERIN, OLIVEIRA, 2018; LANZIERE JÚNIOR, 2020).

A presença da infância nas obras medievais permite entrever as representações sobre esse grupo e suas características. Na primeira parte de sua obra de Gilberto de Tournai, no capítulo VI – “Mostra o melhor tempo para aprender”, o autor explica para os mestres que pretendem alcançar a eficácia na sua função que era necessário desenvolver habilidades didáticas que facilitassem sua comunicação com as crianças, pois

o educador honesto, a menos que se mude inteiramente em criança, jamais levará a criança a um varão perfeito. Nessa parte da vida, em resumo, o educador afina a voz, atropela as palavras, age por acenos, aperta os sentidos, enfraquece as entranhas, abdica das forças, amolece os membros, retarda o passo, não quer andar, mas arrastar-se, simula sentar-se, finge ter medo, mente que chora. (TOURNAI, 2019, p. 35).

Para suas recomendações, o autor buscou embasamento neotestamentário nas citações das cartas de São Paulo “Fiz-me pequeno no meio de vós como um uma nutriz a criar os seus filhos” (1Ts 2, 7) e na *Epistolae* do poeta romano da Antiguidade Horácio “Quereis, amigos,

que eu, já bem estimado e aposentado, volte à sala de aula das crianças”⁴. Paralelamente, se destaca que as especificidades do ser infantil são representadas nas habilidades indicadas para o educador, ou seja, a metamorfose do mestre em criança sugere as qualidades reconhecidas nessa idade da vida. Desse modo, as mudanças na voz, nos gestos e no modo de agir configurariam uma forma de se aproximar das crianças, o que evidencia o reconhecimento de características específicas e distintas dos adultos.

No que concerne à idade adequada para inserir as crianças no estudo e instrução, o mestre franciscano classifica quatro fatores essenciais que não devem ser ignorados. Dois estão relacionados às questões biológicas do corpo e os outros dois estão relacionados aos fatores do tempo ou da faixa etária dos indivíduos.

Entre os fatores a serem observados, o autor, partindo de uma linguagem metafórica com analogias às estações climáticas “inverno e verão”, indica que os mestres devem observar seus aprendizes e serem cautelosos no momento de inseri-los na vida estudantil. Buscando embasamento em Boécio⁵, Gilberto de Tournai recomenda iniciar as crianças nos estudos a partir dos sete anos de idade. Essa idade consistiria ao clima temperado, seria “uma época temperada”, uma vez que a criança estaria pronta para acompanhar o ensino das letras. Para Tournai (2019, p. 36) “aos sete anos completa-se a faculdade de falar” ou “a essa idade os dentes já estão bastante grandes e a língua comprida” e ainda “é então que começa a puerícia”.

Após esses indicativos sobre a melhor idade para iniciar as crianças no ensino das letras, o mestre franciscano utiliza uma citação Veterotestamentária do livro de Eclesiastes “Tudo tem seu tempo” (Ecl 3,1), do livro sétimo das Confissões de Santo Agostinho “Descobrirás que tudo convém ao seu tempo”⁶ para orientar o seu leitor. Ele observa que cada pessoa tem o seu limite e seu tempo de aprendizado, pois cada indivíduo tem suas particularidades e interesses. Assim, destaca que

[...] tudo tem seu tempo para começar, para terminar, para parar, para desenvolver-se; e, uma vez que tudo se faz temporalmente, a alma prudente deve, segundo a razão, a cada coisa conformar-se. Nada se deve rejeitar no seu tempo próprio, nem se escolher senão no seu próprio tempo (TOURNAI, 2019, p. 38).

Seguindo com as recomendações para a educação das crianças, o autor enfatiza a importância para o estudante estar em boa companhia. Ao abordar as boas relações humanas de

⁴ Horácio, *Epistolae*, I, I, 2-3.

⁵ Pseudo-Boécio, *De disciplina scholarium*, I, PL 64, 1225B.

⁶ Santo Agostinho, *Confissões*, VII, 15.

que as crianças devem ter na sua formação, o frade usa como referência o livro *De institutione oratoria* de Quintiliano. Para Tournai, mesmo que a criança seja educada em casa, como era o costume da educação dos filhos dos nobres, esta deveria ser provida de boa companhia, pois é no convívio que se formam os costumes, ou seja, que os filhos dos nobres tenham companheiros uteis, amáveis, leais e iguais na prática do estudo. O autor enfatiza a importância da criança ou do estudante em cultivar boas amizades, companhias necessárias para o crescimento espiritual e intelectual na caminhada estudantil. Segundo o frade, a relação de amizade entre as crianças é fundamental para o processo de crescimento pessoal:

O discípulo prudente sempre se alegrará de um companheiro a quem possa abrir a própria consciência, a quem possa socorrer na sorte tempestuosa; alegrem-se trocando livros, disputando questões, exercitando gradualmente a memorização, corrigindo-se um ao outro, e assim entre eles permaneça íntegro um afeto recíproco. (TOURNAI, 2019, p. 40).

A companhia favoreceria os estudos, contribuindo para o desenvolvimento de atividades consideradas importantes para a educação, dentre as quais as disputas e a memorização. O domínio da oratória conjugado com a memorização dos textos constituía-se em tarefas relevantes do ensino escolástico. É importante destacar também a troca de livros, evidenciando a circulação de materiais escritos, pelo menos entre a elite.

O mestre franciscano enfatiza ainda a importância subtrair as más companhias. Para o desenvolvimento das crianças segundo Tournai é necessário salvaguardá-las dos maus professores, dos maus servos, dos maus companheiros e das más paixões. Gilberto usa como referência a obra de São Jerônimo, *Epístola a Leta*⁷, sobre educação. A história grega de Alexandre que era “o senhor da Terra, não foi capaz de privar-se dos vícios de seu pedagogo, Leônidas, no modo de andar e nos costumes de que, ainda criança, fora contaminado” (TOURNAI, 2019, p. 41). Nas especificações referentes aos maus servos, a utilização da obra de Boécio é citada com o objetivo de orientar os educadores que mantenham as crianças distantes das lavadeiras e das senhoras mais velhas, pois evitariam ouvir alguma obscenidade. Aos maus companheiros, as orientações do frade franciscano se fundamentam nas Sagradas Escrituras, como o livro de Eclesiástico “Quem dele se manchará” (Eclo 13,1) e “com o santo serás santo e com o perverso te perverterás” (2Rs 22, 26-27; Sl 17, 26-27).

O mestre franciscano elabora uma reflexão mais extensa sobre as más paixões. Nessa sessão, segundo Tournai (2019, p. 41), “a paixão vaga e ociosa cria na criança uma amizade,

⁷ São Jerônimo, Epist. CVII, PL 22, 872.

afastando do bom caminho os pés de todo caminhante sem razão e ponderação, sem medida, sem consideração pelo cômodo ou incômodo de ninguém”. O autor aponta que as más paixões afetam com maior violência e atraem com mais doçura, pois dominam com maior rigidez as crianças e o educador deve cuidar para que as paixões não sejam desordenadas, sendo “a paixão sem razão um impulso bestial, propenso a tudo que seja ilícito” (TOURNAI, 2019, p. 41).

No capítulo IX, “Da correção das crianças”, Tournai (2019, p. 57) salienta quatro situações que requerem especial atenção, respectivamente a ocasião dos pecados, a transgressão dos preceitos, a admoestação por palavras e a aplicação de castigos corporais. O frade enfatiza a importância de se corrigir os indivíduos durante a infância, salientando que seria o momento de formar tanto nas virtudes como nas ciências. Para embasar sua premissa o autor utiliza uma passagem do livro de Eclesiástico “Dobra a nuca dele na juventude, e bate nos seus flancos enquanto é criança, para que não se endureça e deixe de acreditar em ti” (Eclo 30,12). A citação bíblica retrata a orientação da correção durante a infância, pois quando o indivíduo atinge a idade adulta o processo de correção e orientação torna-se mais complexo e dificultoso, tendo as más práticas, se tornado hábitos naturalizados. Para Gilberto de Tournai (2019, p. 58) a criança seria “mais volúvel e inquieta [...] por causa da fraqueza de sua mente irracional que ainda não está firmada na razão, e também por causa dos humores corpóreos, abundantes nessa idade”. Assim, a ênfase na infância como momento ideal para corrigir os indivíduos novamente reforça a percepção das especificidades infantis e do temperamento em diferentes idades da vida. Entretanto, como qualquer outra fonte, a representação inscrita na obra de Tournai “nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa”, sendo, porém, um dos meios de se construir a ordem e afirmar distâncias entre os grupos sociais (CHARTIER, 2011, p. 16).

Gilberto de Tournai elabora uma breve relação com os relatos de Agostinho de Hipona na obra *Confissões*⁸, nas quais afirma que “é inocente a fraqueza dos membros das crianças, e não a alma delas, vi e testemunhei com meus próprios olhos uma criança com inveja”. Nessa sessão, o trecho dos escritos de Santo Agostinho apresenta uma justificativa para a criança não estar ausente de pecado na perspectiva cristã. Segundo o santo as crianças:

Indignam-se, choram, e chorando se vingam dos que não lhes obedecem; lastimam-se, gemem, rangem os dentes, batem os pés no chão, e se às vezes não se repreendem os bebês não é porque não façam coisas repreensíveis, mas porque não entendem quem os repreende. (AGOSTINHO, 2002, p. 28-29).

⁸ Santo Agostinho, *Confissões*, 1,7.

A concepção da criança representada na obra *De modo addiscendi* nos relata uma compreensão cristã da infância, ou seja, a leitura da obra considera que as crianças não estão imunes ao pecado, e sim podem ser atraídas pelo mau, compreendendo que qualquer ser humano é herdeiro do pecado original⁹. Os gritos das crianças são sinais de suas paixões e vontades interiores, e seus anseios quando não realizados geram choro, indignação, gemidos, batidas dos pés no chão e vingança daqueles que não realizam suas vontades. Já as atitudes repreensíveis dos bebês não devem ser corrigidas com agressões, pois os mesmos não compreendem aqueles que os repreendem (TOURNAI, 2019).

No capítulo X, intitulado “Dos diversos tipos de transgressão de preceitos nas crianças”, o autor mira nas crianças que pecam agindo contrariamente aos preceitos dos pais e mestres. Essas crianças frequentam espetáculos e jogos, preferindo ouvir fábulas a aprender a escrever ou a seguir as regras sociais, religiosas e educacionais, optando por alimentar os olhos com coisas ilícitas. O frade franciscano não nega a importância e a utilidade das palavras dos poetas, embora deixe claro que acredita ser mais útil aprender na infância algumas lições morais do que infâmias poéticas (TOURNAI, 2019). A ênfase na atenção e no cuidado da educação das crianças com relação aos tipos de transgressão de preceitos se baseia no testemunho de Agostinho de Hipona na obra *Confissões*¹⁰, nas quais o santo descreve os seus sentimentos e ações no período de sua infância:

Eu enganava com inumeráveis mentiras tanto o pedagogo quanto os mestres e pais por amor aos jogos, pela afeição a assistir bobagens e pela ânsia de imitar os espetáculos. Furtava da despensa e da mesa de meus pais, seja porque me dominava a gula, seja para ter com que pagar às crianças que me vendiam suas brincadeiras, muito embora nos deleitássemos todos igualmente nelas. E nessas brincadeiras eu, movido pelo desejo de uma inútil superioridade, amiúde caçava vitórias fraudulentas. Por que, por outro lado, não tolerava e denunciava com tanto rigor se flagrava os outros fazendo o que eu mesmo fazia? E se eu era denunciado, era mais propenso a enfurecer-me do que ceder. É essa a inocência das crianças? (AGOSTINHO, 2002, p. 45).

Para evitar esse tipo de comportamento, as recomendações encontradas na obra *De modo addiscendi*, guiam para a prática das advertências verbais. Assim, o frade considera que

⁹ O pecado original é uma doutrina cristã que pretende explicar a origem da imperfeição humana, do sofrimento e da existência do mal por meio da queda do homem” (LACOSTE, 2004, p. 145).

¹⁰ Santo Agostinho, *Confissões*, 1, 19.

as crianças são naturalmente medrosas e, por isso, podem ser afastadas de seus desejos por meio de palavras, sendo que aprendem melhor pela generosidade do que coagidas pela necessidade (TOURNAI, 2019).

Dessa maneira, para as crianças que insistem nos maus comportamentos, seja pela corrupção da natureza, seja pela má educação herdada dos progenitores, o educador não deve parar com as admoestações. Para basear essa premissa o autor utiliza a citação bíblica de Provérbios: “Instrui o teu filho, e não te desespere” (Pr 19, 18) ou ainda, Júlio César na obra *De bello civili*: “A experiência é mestra de todas as coisas”¹¹ Tournai encoraja os pais e mestres a serem perseverantes na educação dos seus alunos e não ceder as paixões e vontades das crianças. Ainda, encoraja a imposição de castigos corporais:

Presta atenção também à aplicação de castigos corporais, como o da vara, o da palmatória, o do chicote, o da correia de couro, pelos quais se faz com que se derrote nas crianças a ignorância. [...] Toma nota, pois, dos castigos que por amor se impõem às crianças. (TOURNAI, 2019, p. 63).

A fundamentação empregada por Gilberto para tal posicionamento para a correção das crianças são bíblicas, tanto veterotestamentárias como neotestamentárias. Passagens do livro de Salmos¹², Provérbios¹³, Isaias¹⁴ e Apocalipse¹⁵ são empregados para legitimar as práticas corretivas. O frade menciona o livro *De disciplina scholarium* de Pseudo-Boécio¹⁶ para dar um exemplo de um caso de uma criança que não foi corrigida pelos seus responsáveis, “por isso Boécio fala sobre um menino que arrancou com uma mordida afiadíssima o nariz do pai, porque quando, na escola, se entregara a vícios, não fora castigado e corrigido” (TOURNAI, 2019, p. 64).

Cabe ressaltar que o clérigo dedicou uma sessão para orientar pais e mestres a buscar a necessária e voluntária submissão da criança ou do aprendiz. Os quatro elementos necessários para atingir a submissão são: tolher a soberba, suscitar a reverência, fortalecer a paciência e assegurar a obediência. Ainda, Gilberto de Tournai (2019, p. 73) ressalta que o principal meio para existir uma boa relação entre mestre e aprendiz é a submissão, pois “quem não sabe

¹¹ Júlio César, *De bello civili*, 11,8,3.

¹² “Se abandonarem os filhos dele a minha lei, punirei com vara as inquietudes deles e com surras os seus pecados” (Sl 88, 31-33).

¹³ “Não rejeites a disciplina do Senhor quando ele te castigar; quem o Senhor ama, Ele castiga, e nele se compraz como um pai no filho” (Pr 3, 11).

¹⁴ “Sairá uma vara da raiz de Jessé” (Is, 11, 1).

¹⁵ “Os que eu amo, repreendo e castigo” (Ap 3, 19).

¹⁶ Pseudo-Boécio, *De disciplina scholarium*, II, PL 64, 1227D.

submeter-se não sabe aprender” ou ainda “é lamentável que se torne professor quem não sabe ser aluno”.

Logo, a soberba e o orgulho são apontados como fendas para os olhos, ou seja, impedem os estudantes de enxergar a verdade. A citação utilizada nessa sessão para firmar seu posicionamento vem da obra *Libri Sententiarum* do Santo Isidoro de Sevilha: “nunca os arrogantes alcançam o perfeito conhecimento pela leitura pois, embora pareçam sábios na superfície, no fundo não tocam os segredos da verdade porque estão impedidos pelas névoas da soberba”¹⁷.

Tournai (2019, p. 74) aponta que as crianças devem ter o pudor “nos gestos, nos passos, na fala e em toda a ação”. Por isso, os mestres e pais devem repreender “as crianças despudoradas, das quais alguns chegaram a tamanho despudor que não se envergonham de desnudar-se de modo indecoroso e obsceno, exhibir os membros obscenos diante dos outros, e beijar e tocar as mulheres”. Para correção, as crianças devem suportar as punições com reverência e temor. Seguindo as representações da obra, o exemplo de Jesus Cristo, dos mártires, dos apóstolos e Paulo é utilizado para demonstrar que ambos foram açoitados pelas autoridades de seu contexto, porém permaneceram firmes na sua missão e vocação:

Sabemos, afinal, que o Senhor Salvador nosso foi açoitado pelos soldados do governador; que os santos apóstolos foram golpeados nas assembleias pelos príncipes dos sacerdotes; sabemos também que os santos mártires foram dilacerados por varas e açoites ainda mais duros; que Paulo foi golpeado três vezes com vara e cinco vezes recebeu dos judeus trinta e nove açoites violentos. (TOURNAI, 2019, p. 75)¹⁸.

Portanto, a partir da análise é possível entrever as representações da infância em finais do século XIII e a complexidade inerente à educação das crianças da elite naquele período. As preocupações com as idades da vida e a adequada formação incentivava a elaboração de manuscritos pedagógicos destinados a contribuir com a formação de mestres e estudantes.

Considerações finais

A partir do estudo da educação medieval e do texto *De modo addiscendi* de Gilberto de Tournai observa-se que as representações delineadas pelo autor inscrevem a infância como um período de formação. Como uma fase relevante na educação, os esforços do mestre deveriam fomentar a paciência, submissão e obediência, no intuito do estudante atingir a sabedoria.

¹⁷ Santo Isidoro de Sevilha, *Libri Sententiarum*, III, II, 2, PL 83, 682B.

¹⁸ Sobre Paulo, o autor da obra se refere aos seus relatos no livro de (2Cor 11, 24-25).

A educação presente em diferentes ‘idades da vida’ era compreendida como uma tarefa de desenvolvimento integral. Assim, a análise da obra de Tournai corrobora a perspectiva de que a educação daquele período se conectava aos modos de pensar e caracterizar as crianças. As representações delineadas pelo autor indicam práticas específicas para a educação das elites. Paralelamente, estabelece que a atuação do mestre deveria adequar-se à idade do estudante, inclusive na sua infância, enfatizando novamente o caráter particular dessa etapa.

Reconhecido como período importante para a formação do estudante, a infância exigia dos mestres atenção e rigor. Admoestar e castigar eram ações necessárias para penalizar aqueles que não se ajustassem às expectativas do educador.

A elaboração da obra dedicada a explicitar as formas de educar, inclusive as crianças, denota aos mestres universitários e aos religiosos, ou seja, a cristandade um papel relevante na constituição dos modos de conceber a educação da infância na época.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARTOLI, Marco; BLOCK, Wieslaw; MASTROMATTEO, Alessandro. **Storia della spiritualità francescana**. Bologna: EDB Edizioni Dehoniane, 2017.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CELLARD, A. Análise documental. IN: POUPART, Jean et. al. (Orgs.). **A Pesquisa qualitativa–enfoques epistemológicos e metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHARLE, C.; VERGER, J. **História das universidades**. São Paulo: Unesp, 1996.

CHARTIER, R. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

COSTA, R. da. A educação infantil na Idade Média. L. **Lauand, Videtur**, n. 17, p. 13-20, 2002. Disponível em: <<https://maniadehistory.com/a-educacao-infantil-na-idade-media/>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

HASKINS, C. H. **A ascensão das universidades**. Balneário Camboriú, SC: Livraria Danúbio Editora, 2015.

LANZIERI JÚNIOR, C. Nos braços da primeira-dama: o lugar da infância medieval nos escritos dos mestres Alain de Lille (1128-1203), João de Salisbury (c.1115-1180) e Adelardo de Bath (1080-1152). **Brathair**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 328-343, 2020. Disponível em:

<<https://web.p.ebscohost.com/ehost/detail/detail?vid=0&sid=3e1446df-7d33-4fa3-a918-37daf99a21bf%40redis&bdata=Jmxhbm9cHQYnImc2l0ZT1laG9zdC1saXZl#AN=147990444&db=aph>> . Acesso em: 12 dez. 2021.

LACOSTE, J. Y. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas, 2004.

LE GOFF, J.; SCHMITT, J. C. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, v.1.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

NUNES, R. A. da C. **História da educação na Idade Média**. Campinas, SP: Kírion, 2018.

OLIVEIRA, A. R. **A criança na sociedade medieval portuguesa**. Lisboa: Teorema, 2007.

OLIVEIRA, A. R. As idades da criança. **Medievalista**, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2006.

Disponível em:

<<https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt/index.php/medievalista/article/view/409>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

PERIN, C. S. B.; OLIVEIRA, T. Um projeto de educação para a criança no século XIII: considerações acerca da pedagogia de Ramon Llull. **Educar em Revista**, v. 34, p. 231-247, 2018. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/er/a/fsQzN9ntBKym6PhK4kJsLRQ/?lang=pt&format=html>> .

Acesso em: 12 dez. 2021.

PERNOUD, R. **As origens da burguesia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1969.

POORTER, A. de. Un traité de pédagogie médiévale: le De modo addiscendi de Gilbert of Tournai. **Revue néoscholastique**, p. 195-228, 1922. Disponível em:

<<https://www.jstor.org/stable/26343860>> . Acesso em: 12 dez. 2021.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SEVILHA, I. **Etimologias**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.

SOUZA, C. T. de. Preocupações e recomendações para a primeira educação da criança cristã na Península Ibérica medieval (século XIII). **Espaço Graduação**. v. 1, n. 1, p. 304-315, 2013.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64778>> . Acesso em: 12 dez. 2021.

TOURNAI, G. de. **Sobre o modo de aprender**. Tradução de Veríssimo Anagnostopoulos. Campinas, SP: Kírion, 2019.

VERGARA, J. El «De modo addiscendi» (c. 1263) de Gilbert de Tournai OFM: un puente entre la tradición y el Renacimiento. **Educación XXI**, v. 16, n. 2, pp. 63-82, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4288106>> . Acesso em: 12 dez. 2021.

VERGER, J.; BOTO, C. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

VERGER, J. **As universidades na Idade Média**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990.